

## RESENHA

# A THEORY OF IMPERIALISM

PATNAIK, UTSA; PATNAIK, PRABHAT. Nova York: Columbia University Press, 2016. 256 pp.

Recebido em 28/07/2020  
Aprovado em 13/10/2020

A categoria *imperialismo* tem sido sistematicamente escanteada nos círculos da esquerda brasileira, seja no plano político ou teórico. Um dos trabalhos mais recentes sobre o tema foi escrito pelo casal de economistas indianos Utsa e Prabhat Patnaik.

Os Patnaik são professores eméritos do Centro de Estudos Econômicos e Planejamento da Escola de Ciências Sociais da Universidade Jawaharlal Nehru, na Índia. Os livros de Utsa incluem *Question in the Neoliberal Era* (2011) e *The Republic of Hunger and Other Essays* (2007). Prabhat é o autor mais recente de *The Value of Money* (2009) e *Re-visioning Socialism* (2011). A obra dos Patnaik tem grande ressonância nos círculos marxistas e progressistas na Ásia, Europa e nos EUA. No entanto, esses autores ainda são pouco conhecidos e difundidos no Brasil. Além de notáveis intelectuais, os Patnaik possuem vínculos históricos com o movimento comunista indiano. Prabhat é colunista do jornal do Partido Comunista da Índia (Marxista), o *Peoples Democracy*. O casal também participa do Instituto de Pesquisa Social Tricontinental, articulação que visa a reunir pesquisadores anti-imperialistas oriundos do Terceiro Mundo.

**LUÍS EDUARDO  
DA ROCHA MAIA  
FERNANDES**

Doutorando no programa de pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3703-8710>

E-mail: [luisedumfernandes@gmail.com](mailto:luisedumfernandes@gmail.com)

Em *A Theory of Imperialism*, publicado em 2016 pela editora na Universidade de Columbia nos Estados Unidos, os Patnaik sintetizam reflexões sobre os principais temas presentes em suas extensas obras: o capitalismo contemporâneo, as relações entre centro-periferia, o problema da fome no Terceiro Mundo e a questão agrária. Para os autores, não existe

capitalismo sem imperialismo. O imperialismo, no entanto, reconfigura-se em sua forma e intensidade.

### **Reatualização da teoria do dreno imperialista**

Para os Patnaik, é um equívoco conceber o modo de produção capitalista como um “sistema fechado” em sua produção e reprodução social. Sendo assim, o capitalismo depende da exploração e subordinação de formações sociais não capitalistas para sua reprodução. Tendo como pano de fundo as realidades agrárias asiática e africana, apesar de aparentemente concordarem com as formulações luxemburgistas, os Patnaik mais se aproximam da noção leniniana de formação econômico-social e da questão da subordinação de outros modos de produção ao capitalismo.

Aliás, por mais que tenhamos acordo com os autores acerca das fases históricas e metamorfoses do imperialismo, a afirmação dos Patnaik com relação a uma perspectiva histórico-passageira das apreensões teóricas dos clássicos marxistas da teoria do imperialismo nos parece injusta. Entre os clássicos, há diretrizes fundamentais para compreendermos as tendências e contratendências em que age o imperialismo, como as formulações sobre o capital financeiro, a formação de novas frações de classes como a oligarquia financeira e a aristocracia operária, a lei do desenvolvimento desigual e, claro, a polêmica tendência à estagnação no capitalismo monopolista.

Essas diretrizes, de certa forma, são utilizadas pelos Patnaik na sua tentativa de reatualizar a noção de um dreno imperialista. A teoria do dreno foi utilizada por diversos autores para a compreensão da economia política do colonialismo. Os Patnaik sustentam a atualidade desse fenômeno, a partir de um núcleo argumentativo que passa pelo “aumento do preço da oferta”, pelo “valor do dinheiro” e pela “deflação da renda” dos povos da periferia.

Segundo os autores, os países metropolitanos intensificaram sua dependência na importação de uma série de produtos tropicais e subtropicais advindos das suas ex-colônias. Uma razão para isso é que o frete aéreo agora

permite a importação de produtos altamente perecíveis. Mas a razão mais importante é a insistência em que as ex-colônias continuem a ter uma vantagem comparativa na produção agrícola e, portanto, o “livre comércio” seria uma vantagem para os países desenvolvidos e em desenvolvimento. Os países avançados ainda dependem dos menos desenvolvidos para muitos dos elementos essenciais da vida cotidiana essenciais para a cesta básica de seus trabalhadores. Nesse sentido, para além da mera apreensão da deterioração dos termos de troca no comércio internacional, os autores reforçam a sua tese sobre a relação entre o aumento da oferta por produtos primários e a deflação da renda na periferia por meio das mudanças no valor do dinheiro.

O valor do dinheiro, para os Patnaik, se relaciona com a própria ascensão da hegemonia do dólar desvinculado do padrão-ouro depois de 1971. O dólar, para se tornar soberano no sistema monetário internacional, depende de uma série de pré-condições a fim de gozar de estabilidade e segurança junto às classes capitalistas. Uma delas é que o valor da força de trabalho estadunidense, em termos da sua divisa, deve ser relativamente estável (o que exclui uma inflação significativa, quanto mais uma inflação acelerada no seu próprio território); e, relacionado com isso, o valor das importações cruciais, que entram no custo de salários e no custo dos materiais, também tem que ser relativamente estável.

Diante do crescimento da oferta por produtos tropicais e a necessidade de estabilidade no “valor dinheiro”, o imperialismo contemporâneo opera uma série de contratendências, segundo os Patnaik, a fim de gerar uma deflação da renda na periferia. A deflação na renda garante os baixos preços dos produtos tropicais, a tendência ao subconsumo nas ex-colônias e a estagnação econômica. Os autores, gozando, em especial, de dados empíricos da realidade indiana, apontam uma série de mecanismos e consequências da deflação da renda para os países periféricos.

Destacamos alguns que aparecem com maior destaque ao longo do livro. O primeiro deles se refere ao mundo do trabalho: os trabalhadores e camponeses dos países periféricos representariam uma reserva mundial de trabalho.

Outro mecanismo estrutural de deflação da renda são as políticas de austeridade e a conversão dos Estados nacionais em protetorados do grande capital financeiro. A deflação da renda e a formação de uma reserva mundial de trabalho para os países metropolitanos acabam por ocasionar a explosão de verdadeiros bolsões de fome e miséria nos países periféricos.

Outro elemento importante apontado pelos Patnaik remete ao sistema monetário internacional e à hierarquização das moedas. O domínio do dólar veio a substituir os mecanismos de deflação utilizados pelo colonialismo, como a imposição a uma inserção complementar na divisão internacional do trabalho e o sistema de tributos nas colônias em benefício das metrópoles. Além de apresentarem argumentos de que a hegemonia do dólar permite os EUA terem déficits na balança de pagamentos a fim de sustentarem o seu enorme aparato militar, os Patnaik apontam a relação entre a hierarquização monetária e as classes dominantes periféricas.

Segundo os autores, uma das principais formas de acúmulo de riquezas das burguesias periféricas é através de moeda estrangeira, em especial o dólar e títulos da dívida pública estadunidense, por sua estabilidade. Nessa linha, para os autores, o dreno imperialista não seria meramente um “inimigo externo” dos países periféricos, mas um fenômeno socioeconômico que se articula com a estrutura de classes e os padrões institucionais no “Sul-global”.

### **O debate: Patnaik versus David Harvey**

Ao fim de *A Theory of Imperialism*, há um comentário crítico do geógrafo marxista David Harvey e a réplica dos Patnaik. Inclusive, a polêmica ecoou bastante em círculos de intelectuais estadunidenses, europeus e indianos. Para Harvey, a noção geográfica de imperialismo presente no livro estaria ultrapassada, pois dependeria da ideia de que as regiões tropicais tivessem um monopólio natural sobre o fornecimento de certos bens cruciais necessários para o funcionamento do capitalismo metropolitano em virtude das condições geográficas físicas (climáticas) exigidas para a produção desses

bens. Segundo o geógrafo, o imperialismo é definido pelos Patnaik como um conjunto de mecanismos políticos e econômicos coercitivos não mercadológicos, projetados para impedir que os produtores tropicais exerçam seus potenciais poderes monopolistas no comércio global.

Segundo Harvey, desde fins da década de 1970, há uma maior complexidade nas transferências de valor na economia mundial. O geógrafo cita uma série de exemplos para apontar que a drenagem histórica de valores do Leste para o Oeste foi revertida nas últimas décadas. Sendo assim, a utilização da categoria “imperialismo” seria um grande simplismo diante da nova geografia econômica do capitalismo.

Na réplica dos Patnaik, eles afirmam que o centro de sua teoria do imperialismo não é um determinismo geográfico, mas o aumento do preço de fornecimento dos produtos primários, que minaria o valor do dinheiro nos países metropolitanos. Os autores criticam a tendência dos “acadêmicos do Norte” em creditar o problema da fome na periferia à baixa produtividade ou ao crescimento populacional. Para eles, as dificuldades dos países mais pobres de alimentar sua população reside na dependência dos países centrais em extrair matérias-primas e produtos primários da periferia.

Embora Harvey tenha razão quanto à complexidade da geografia econômica do capitalismo contemporâneo e das novas transferências de valor, acreditamos que as formulações dos Patnaik contribuem para compreendermos parte dessa complexidade, em especial para desvendarmos a economia política da fome, da pobreza e do desemprego nos países periféricos. A perspectiva de manutenção do valor do dinheiro e, conseqüentemente, da hegemonia do dólar, também nos parece interessante para compreendermos as formas contemporâneas de alianças entre as classes dominantes locais com o capital transnacional.

No entanto, há outros mecanismos de deflação da renda que poderiam ser mais aprofundados para o entendimento do imperialismo contemporâneo. A nosso ver, a teoria do dreno imperialista também se complexifica a partir de diversos mecanismos financeiros, como rendas advindas da propriedade

intelectual e o sequestro das soberanias nacionais por parte do grande capital financeirizado. Negar a categoria “imperialismo”, além de obscurecer a hierarquização nas propriedades intelectuais, nas cadeias produtivas, na questão militar e no exercício desigual da soberania nacional, também é um desserviço político para as lutas dos trabalhadores, em especial os da periferia. Portanto, trata-se de renovarmos criticamente a categoria e não jogá-la fora.